

Acertologia e Errologia do Líder: Autoanálise no Desenvolvimento do Autoepicentrismo

A Leader's Rightology and Errology: Self-analysis towards Self-epicentrism

Aciertología y Errología del Líder: Autoanálisis en el Desarrollo del Autoepicentrismo

Marco Antônio Facury*

Resumo. Este estudo se propõe a lançar luz sobre a experiência da assunção da liderança, evidenciando a natural ocorrência de erros e acertos neste laboratório prático de autoexposição e autoenfrentamento. As autovivências aqui analisadas exemplificam erros e acertos no exercício de papéis de liderança, desmanchando a imagem do líder perfeito. Expõe os ganhos evolutivos do autor, a dinamização que a assunção da liderança promove no desenvolvimento do autoepicentrismo e na autoevolução e conclui apontando a necessidade da postura de pesquisador semperaprendente.

Palavras-chave: assunção da liderança, autoexposição, desdramatização, epicentrismo, ganho evolutivo, semperaprendente.

Abstract. This study proposes to illuminate the leadership-overtake experience by evidencing the natural occurrence of errors and achievements in this self-exposure / -confrontation experiential laboratory. The personal experiences reported here exemplify errors and achievements along the exertion of some leadership roles, undoing the image of the perfect leader. It exposes author's evolution gains, the dynamization leadership-takeover provides in the development of self-epicentrism and evolution, and concludes by pointing out the need for the ever-learning researcher's posture.

Keywords: de-dramatizing, epicentrism, ever-learning conscin, evolutionary gain, leadership takeover. self-exposure.

Resumen. Este estudio se propone lanzar luz sobre la experiencia de la asunción del liderazgo, evidenciando las naturales ocurrencias de errores y aciertos en este laboratorio vivencial de la autoexposición y el autoenfrentamiento. Las autovivencias analizadas ejemplifican errores y aciertos en el ejercicio de papeles de liderazgo, deshaciendo la imagen del líder perfecto. Expone los beneficios evolutivos del autor, la dinamización que la asunción del liderazgo promueve en el desarrollo del autoepicentrismo y en

* Engenheiro, professor universitário e educador financeiro; Pesquisador, voluntário e docente da Associação ARACÊ; marco@arace.org

la autoevolución y concluye apuntando la necesidad de la postura del investigador semperaprendente.

Palabras clave: asunción del liderazgo, autoexposición, desdramatización, epicentrismo, beneficio evolutivo, semperaprendente.

INTRODUÇÃO

Assunção. Assumir-se enquanto líder pode ser natural para muitos e um esforço para outros. Para a conscin intermissivista, é condição mista: somos líderes natos, mas, talvez pelo histórico pluriexistencial ou questões de autoimagem, torna-se um fardo, especialmente por querermos evitar erros já cometidos no passado, mesmo não lembrados, ou ainda por não querermos manchar a autoimagem, geralmente idealizada.

Esquiva. Porém, no processo evolutivo, a esquiva de determinadas experiências nos priva do aprendizado necessário ao amadurecimento, recuperação de cons, ampliação da cosmovisão e qualificação interassistencial.

Pesquisa. Na pesquisa científica e também na autopesquisa, erros e resultados inesperados podem originar neopesquisas. O pesquisador maduro encara tais ocorrências para compreender melhor o contexto e a si mesmo. Tal maturidade possibilita à conscin aplicar na prática o binômio autoimperdoamento-heteroperdoamento frente aos erros próprios e alheios, sem autovitimização, terceirização, cobrança ou punição.

O binômio autoimperdoador-heteroperdoador é a vivência lúcida da conscin, homem ou mulher, em nível de autoconsciencialidade e autodisciplina incapaz de se perdoar, relevar, desculpar ou ser clemente com os próprios enganos, equívocos ou omissões deficitárias em contraponto à condição de sobrepairar e sobrelevar, sem acumplicia-mento, erro ou falta cometida por outrem, consolidando postura interassistencial cosmoética (NASCIMENTO, 2019).

Motivação. Neste sentido, a motivação para desenvolver este estudo na condição de conscin-cobaia foi especialmente a intenção de desdramatizar o processo natural do binômio acerto-erro no desempenho de qualquer função, em especial de liderança, facilitando aos compassageiros evolutivos a autoexperimentação do laboratório prático do epicentrismo consciencial, independentemente de ocupar liderança formal.

Ganho. Outra motivação foi o ganho pessoal com este balanço auto e heterocrítico quanto à experiência no exercício da liderança.

Objetivo. Este trabalho analisa erros e acertos autovivenciados nas abordagens interconscienciais e contextuais no exercício da liderança – formal ou não.

Ressalva. Apesar de todo o processo de autopesquisa envolver a atuação pessoal em atividades institucionais, não é proposta desta pesquisa analisar aqui acertos e erros nas realizações institucionais, tendo em vista que são conquistas grupais, não apenas de uma conscin, devendo então ser avaliados conjuntamente pelo grupo.

Metodologia. O método usado foi a investigação e análise das autovivências, além da correlação de traços de personalidade explicitados nesses experimentos. Foi feito recorte do período de voluntariado conscienciológico, de modo a se fazer estudo teático dos aspectos intraconscienciais envolvidos.

Relevância. Este estudo se mostra relevante ao demonstrar a natural ocorrência de erros e acertos em nosso atual nível evolutivo. Encarar isso com naturalidade, mas sem negligenciar erros inadmissíveis diante de nosso Código Pessoal de Cosmoética (CPC), aproxima a experiência na função de liderança de sua real contribuição evolutiva aos envolvidos.

Estrutura. O texto está estruturado em 5 partes: Introdução; Autoexperimentação; Enfrentamento de Neodesafios; Acertologia e Errologia; Acertos e Erros no Exercício da Liderança; e Considerações Finais.

Sinopses. A seção Autoexperimentação: Enfrentamento de Neodesafios discorre sobre a relevância da assunção da liderança para o enfrentamento dos desafios evolutivos. Em Acertologia e Errologia, é feito preâmbulo acerca de como foram abordadas e analisadas as experiências pessoais no texto. A seção Acertos e Erros no Exercício da Liderança explicita o labcon pessoal, destacando as superações alcançadas a partir dos erros e acertos observados. As Considerações Finais apresentam a condição de semperapendente e a interação grupal enquanto fatores indispensáveis ao aprimoramento pessoal.

I – AUTOEXPERIMENTAÇÃO: ENFRENTAMENTO DE NEODESAFIOS

Bastidores. Sempre preferi atuar nos bastidores, bem no *estilo mineiro*, apesar de muitas vezes ser reconhecido enquanto líder pelos pares. Mas a autoexposição não era meu forte, seja por vergonha, timidez, preocupação com a autoimagem ou pelo comodismo de querer *ficar quieto no meu canto*.

Melhoria. O processo de autopesquisa nos impulsiona à melhoria contínua. E isso tem sido determinante para os enfrentamentos pessoais ao longo dos anos: identificar travões ou limitações que precisam ser superados para poder disponibilizar as qualidades já conquistadas. *“O autoaperfeiçoamento vem principalmente da tentativa de ajudar os outros”* (atribuída a Sir John Templeton).

Desafio. Neste processo de tentativas, erros e acertos são naturais. Para mim, isso já é um exercício enorme: admitir a possibilidade de errar ou de estar errado, por mais que faça parte da experiência, é sempre um desafio. E admitir que isso é um desafio é outro desafio.

Postergação. Entre conhecer a Conscienciologia em 1997 e iniciar o voluntariado conscienciológico em 2002, foram 5 anos de amadurecimento, melhor entendimento, mas também de postergação do que já entendia ser prioritário.

Posicionamento. Entre conhecer o *Campus ARACÊ* em 2005 e fixar residência proexogênica na futura Cognópolis em 2007, foram quase 2 anos de auto-organização e mais um pouco de postergação. De toda forma, o posicionamento pessoal foi fundamental em ambas as situações para as reciclagens existenciais realizadas.

Desenvolvimento. Em 2011, apresentei artigo no I Congresso de Empreendedorismo Evolutivo abordando o processo de desenvolvimento do autoepicentrismo em projetos maxiproexológicos, expondo a rica experiência de morar no *Campus ARACÊ*, especialmente no período de coordenação dos 20 primeiros Encontros pró-Cognópolis Pedra Azul entre 2008 e 2010 (FACURY, 2011).

Aceleração. A aceleração da história pessoal é evidente para mim mesmo e possivelmente para os passageiros evolutivos mais próximos. E a assunção da autoliderança tem estreita relação com este processo.

Autoexposição. A autoexposição a partir da assunção da liderança é muito maior e as imaturidades, trafores e trafais pessoais ficam mais evidentes para todos. Não há escondimento. Sei que hoje as pessoas conhecem muito mais as minhas imaturidades. Por outro lado, os trafores também ficam explícitos para todos: manter trafor ocioso torna-se erro muito mais evidente e comprometedor.

Autoconsciencioterapia. Assim, para quem quer, de fato, dinamizar a autoevolução, o laboratório da assunção da liderança e do autoepicentrismo propicia a realização na prática das 4 etapas autoconsciencioterápicas: autoinvestigação-autodiagnóstico-autoenfrentamento-autossuperação.

II – ACERTOLOGIA E ERROLOGIA

Análise. As ciências Acertologia e Errologia buscam esmiuçar a análise de acertos e erros pessoais de modo a servirem de elementos para a consolidação de trafores e comportamentos homeostáticos e também a reciclagem e eliminação de trafores, trafois e patologias intraconscienciais evidenciadas nos erros, enganos e omissões deficitárias – *a tríade da erronia*.

Vivências. Para melhor análise dos acertos e erros pessoais na atuação em liderança, considere aspectos e abordagens interconscienciais, observando as relações pessoais com as demais consciências, e aspectos e abordagens contextuais, avaliando as minhas reações em determinados contextos vivenciados.

Importância. Vale salientar a relevância de tal estudo: “Há trafores mais superficiais e outros mais profundos, uns fazem mal somente à pessoa e outros também para quem lida com tal personalidade” (VIEIRA, 2014, p. 79).

Traforismo. Abordar os erros e imaturidades de modo proativo e traforista, visando a autossuperação imediata ou em momento possível, facilita a interação com equipe de amparadores extrafísicos interessados na nossa evolução, fomentadora dos acertos grupocármicos prioritários.

Trafarismo. Por outro lado, encarar tais aspectos com lástima, queixa ou autovitimização dificulta o autoenfrentamento e autossuperação, mantendo-nos na condição patológica e dando munição aos credores grupocármicos e assediadores extrafísicos. O pior é que muitas vezes ainda é comum a conscin optar por manter-se na condição de auto e heteroassédio.

Autoavaliação. Neste exercício de autoavaliação, é natural a balança pender mais para um lado ou outro, o que já é também dado autoconscienciométrico do olhar de pesquisador para as experiências, incluindo autocrítica da real intenção de se expor mais determinado aspecto.

Ponderação. Assim, evidenciar mais os erros pode, paradoxalmente, ter a intenção de se buscar elogios e autoafirmação, enquanto destacar acertos pode revelar vontade de manter autoimagem. O ideal é a condição de análise ponderada para cada aspecto abordado, com a real intenção de eliminação dos erros desnecessários e reforçando acertos alcançados.

Intenção. Caso o leitor observe intenções espúrias neste texto, ou ainda omissões de quaisquer natureza, solicito-lhe explicitação assistencial, direta, com agradecimentos antecipados.

Contrapontos. Busquei trazer abordagem com contrapontos, apresentando erros e acertos, mas ponderando o que já progredi em relação aos erros cometidos e o que ainda precisa ser melhorado nos acertos observados. Deste modo, erros e acertos foram mesclados ao longo do texto para priorizar o encadeamento temático e, em certos casos, cronológico.

III – ACERTOS E ERROS NO EXERCÍCIO DA LIDERANÇA

Registro. Há um erro que ficou mais evidenciado posteriormente, especialmente ao desenvolver esta pesquisa: os poucos registros das muitas experiências autovivenciadas, dificultando a compreensão mais clara do processo.

Autovivenciograma. Por outro lado, o autor aproveitou a participação enquanto integrante da equipe do Laboratório *Serenarium* nas atividades da Técnica do Autovivenciograma realizadas com o Serenauta: diversas autovivências foram analisadas de modo mais sistematizado, ampliando a autocompreensão das experiências vividas. Tal experiência resultou na publicação de artigo acerca das vivências nessa atividade (FACURY, 2014, p. 36 a 42).

Distorções. No processo de assunção da liderança, logo identifiquei crenças irracionais ou distorções cognitivas relacionadas a possíveis erros que poderia vir a cometer, entre elas: receio de fazer tudo errado e comprometer todo o trabalho já existente ou ainda não ter competência suficiente para *dar conta do recado*.

Autodesassédio. Tais ocorrências até poderiam se tornar reais. No entanto, considerando nosso laboratório prático de autoexperimentação liderológica e de trabalho grupal, foi importante – e autodesassediante – entender que a responsabilidade dos empreendimentos grupais é de todos os envolvidos, não só de quem se dispõe a assumir a linha de frente do trabalho. Segundo Kellerman (2012), quando os líderes erram, os liderados devem ser depostos. Neste sentido, queiramos ou não, todos somos líderes, aptos a avançar no exercício prático da coliderança evolutiva pela vivência do binômio líder-líder.

Intencionalidade. Sempre fiquei firme no propósito de manter a intencionalidade sadia, mesmo que possa ter cometido deslizes neste aspecto. O amparo de função observado em razão da intencionalidade sadia vem auxiliando na condução de atividades e nas interações interconscienciais, qualificando a cosmovisão e a interassistência.

Singularidade. Talvez o principal acerto foi o de não querer copiar modelo de liderança, mas assumir naturalmente a própria singularidade na atuação pessoal, atento para não incorrer em repetição de erros passados – próprios e de outrem. Neste sentido, o trabalho de integração – na IC e junto à CCCI – foi relevante na condução das atividades, pautado nas dicas do Professor Waldo Vieira quanto às prioridades na gestão institucional: “harmonização e convergência de esforços”.

Medo. Aspecto recorrente em pessoas com perfil de liderança que preferem não assumir tal condição é o medo de repetir erros do passado, inclusive de retrovidas, paralisando-se chantageada, perdendo a oportunidade de reescrever sua história e retratar-se pelos equívocos cometidos.

Alerta. Tal condição funcionou ao modo de alerta de segurança e talvez tenha sido um dos grandes ganhos evolutivos alcançados: desempenhar o papel de liderança mais servidora, menos autocrática, mesmo ainda mantendo por vezes perfil impositivo. Para isso, procurei evitar quaisquer decisões monocráticas nas questões grupais, promovendo debates abertos para os encaminhamentos das demandas institucionais, mesmo gerando críticas pela demora natural ao se debaterem os temas.

Empatia. Um dos gargalos que ainda observo está relacionado à escuta terapêutica e empatia. Era mais recorrente dar *feedbacks* de modo bastante equivocado que geravam mais problemas do que ajudavam a outra conscin. Por outro lado, a assunção da autoliderança possibilitou-me caminhar nesses aspectos, especialmente quanto a qualificar a postura assistencial.

Acolhimento. Mesmo sabendo que ainda há muito o que superar, trabalhar em equipe exigiu o movimento acolhedor mais explícito em direção às outras consciências: “A responsabilidade de cada um é estender o olhar para aqueles que não estão conseguindo desempenhar seus papéis e ajudá-los” (PRATA & FACURY, 2006, p. 83).

Manipulação. Outra postura muito séria foi a evitação da manipulação interconsciencial, sendo inclusive quesito do meu Código Pessoal de Cosmoética (CPC): não manipular, nem me permitir ser manipulado. Contudo, lembro-me de ter caído nesta condição, mesmo com aparente boa vontade. Posteriormente, ao avaliar a situação, constatei ter feito isso, gerando desconforto para a outra pessoa.

Abordagem. Desde então, fiquei mais atento às minhas abordagens. Não avaliar o peso para o outro de meus posicionamentos ou falas gerou comportamentos alheios diversos do que desejava e muitas vezes não aceitos pelo outro. Simples sugestão ou dica podia ser interpretada como ordem ou determinação feita por mim. Nosso histórico pluriexistencial é forte e ainda muito presente em nossas energias, mesmo com todo esforço de mudança.

Recolhimento. Com o tempo, verifiquei até a necessidade de recolher as energias em determinadas situações, de modo a não intimidar os demais. Esse é um exercício contínuo na construção da condição de conforto presencial, natural aos Serenões.

Equívoco. Observei também a condição de alimentar nos demais companheiros evolutivos visão equivocada de que poderia ajudá-los em todas as circunstâncias no contexto do voluntariado. Apesar da disponibilidade pessoal, houve situações de inter-relações em que me vi desqualificado para auxiliar no encaminhamento ao compreender que tal desenlace demandaria abordagens que eu ainda não tinha competência para fazer, até por fugir do escopo das atividades desenvolvidas. De toda forma, precisei lidar com cobranças quanto a esse aspecto.

Autovitimização. Ocorreu também, em certas situações, de me vitimizar com omissões ou incompreensões de parceiros evolutivos com quem contava para estarem ombro a ombro no *front* assistencial dos trabalhos assumidos. Observei que tal reação acontecia quando estava mais fragilizado, levando tais atitudes para o lado emocional, chegando a me indignar com os colegas. Ao superar o emocionalismo, era possível lidar de modo mais equilibrado, compreender o cenário e a condição do colega para o melhor encaminhamento.

Comunicação. Quando falamos na atuação em grupo, é importante prevenir equívocos evitáveis desagregadores e geradores de entropia. Identifiquei minha dificuldade para atualizar todos dos encaminhamentos institucionais por alguma falha pessoal na comunicação, mesmo com todo o esforço empenhado nisso. Em grupo, é muito comum o acesso a holopenses de exclusão ou abandono, com elucubrações fantasiosas de fatos corriqueiros geradores de autoassédio. O esquecimento ao avisar alguém de uma reunião ou a falta de alguma informação podem gerar desgaste desnecessário e possível comprometimento de trabalhos mais sérios.

Teimosia. Outro traço observado muitas vezes foi a teimosia e querer ter razão, gerando conflitos inúteis e desgastantes, muitas vezes em questões secundárias e até irrelevantes, demonstrando clara disputa de poder. O ato de não me atentar a tempo para a entropia gerada, por mim ou por outrem, por vezes levou a discussões dispensáveis e reuniões frustrantes. Vale salientar o quanto tais contextos podem ser estimulados pelas consciências energívoras ávidas por tais padrões conflitivos.

Autoimagem. Observei, e ainda observo, a dificuldade de rever certos posicionamentos ou encaminhamentos, admitindo o erro ou engano, o que pode estar relacionado à manutenção da autoimagem distorcida do líder que nunca erra. É interessante, pois isso acontece mais em contextos gerais do que nas inter-relações, nas quais não sinto dificuldade em, por exemplo, pedir desculpas e retificar erros, de modo a evitar que meu erro comprometa a atuação proexológica de algum parceiro evolutivo.

Convivência. Conviver e desenvolver trabalho em conjunto com consciências diversificadas me auxiliou a aprender a lidar melhor com as divergências, com outras formas de pensar e outros pontos de vista acerca dos mais variados assuntos, ampliando minha cognição.

Miserê. Outro traço marcante que precisou ser reciclado foi o de conscin *miserê*: compor equipe à frente de megaempreendimento grupal do porte de uma Cognópolis exige *pensar grande*, ser conscin *large*, o oposto da condição *miserê*, mantendo o foco no público a ser assistido, de modo a não incorrer

no erro da megalomania. Obviamente, tal condição ainda não é da natureza íntima, mas já está mais evidente na autopensinização cotidiana.

A conscin *large* é a pessoa, homem ou mulher, filantrópica, altruísta, generosa e doadora, interessada em aplicar os recursos, patrimônios, bens ou ativos disponíveis pessoais, antes de tudo, para o bem de todos (VIEIRA, 2018).

Intuições. Abordando também aspectos multidimensionais, experimentei na tenepes frequentes intuições e *insights* acerca de situações, projetos e consciências. A protelação ou até desconsideração de tais sugestões, seja pelo trabalho que daria, seja por negligência ou esquecimento – todas condições de erro –, por vezes gerou problemas corriqueiros evitáveis. Quando refletia acerca do assunto e conduzia o encaminhamento sugerido, a tendência era de melhores resultados.

Personificação. Erro comum, que cometi diversas vezes até entender melhor como lidar com a situação, foi a personificação de determinadas questões. Quando conseguimos despessoalizar queixas ou embates trazidos por alguém em determinados contextos, especialmente em reuniões ou atividades grupais, compreendemos melhor o extrafísico a ser esclarecido, possibilitando maior assertividade nas ponderações, realizando a intervenção necessária e minimizando o risco de determinada conscin ser usada ou manipulada extrafísicamente para comprometer os trabalhos em desenvolvimento. Tais erros podem estar associados à subestimação do autoparapsiquismo e da condição de tenepessista minipeça interassistencial.

Feedback. Em diversos momentos da gestão institucional, solicitei *feedback* aos pares de posturas minhas que pudessem dificultar os encaminhamentos da equipe. Numa dessas ocasiões, optei por deixar os colegas debaterem sem minha presença e de minha duplista, de modo a ficarem mais à vontade. Ao final, trouxeram a questão da minha centralização de tarefas.

Reatividade. Tal exercício foi muito interessante para todos. Mas, durante a devolutiva, observei outro aspecto pessoal: a necessidade de justificar tal postura. Isso demonstrou minha incapacidade, naquele momento, de apenas ouvir o *feedback* e trabalhar intimamente com aquilo, independentemente do quanto fosse fato ou não. Por outro lado, posteriormente pensei na devolutiva recebida e busquei fazer os ajustes possíveis e necessários. A reatividade às críticas costuma decorrer de me sentir cobrado por algo ainda incompreendido – por mim ou pelos compassageiros evolutivos.

Críticas. A autoexposição nos submete às críticas. Por mais desconfortável que pareça, isso é o melhor que pode nos acontecer, pois nos propicia identificar as recins prioritárias, especialmente quando estamos abertos a isso. A reatividade e aversão aos *feedbacks* retardam nossa evolução.

Autoestima. Importa, neste contexto, não ser ingênuo e ter autoestima sadia para que tais devolutivas não sejam avassaladoras e não nos levem à autovitimização. Penso que consegui ter autocrítica para identificar o que era imaturidade pessoal a ser trabalhada – de imediato ou futuramente – e o que era crítica infundada, ataque gratuito ou até mesmo cobrança deslocada de questões mal resolvidas da própria conscin crítica.

Arrogância. Um risco possível – também autovivenciado – é entrar na arrogância e superioridade, comuns entre os líderes. Considerar que as críticas apenas decorrem das limitações alheias faz a pessoa julgar-se acima dos demais, desprezando tais devolutivas.

Autoconscienciometria. Entendo que a autoconscienciometria seja a melhor vacina contra a reatividade às heterocríticas: ao conscientizar-me dos trafores, trafares e trafais pessoais, retiro a munição assediadora e consigo lidar com as imaturidades explicitadas, complementando, até com bom humor,

a lista de trafores e trafois apresentadas pelos outros com a listagem já identificada na autopesquisa. E toda contribuição acrescida será muito bem-vinda.

Profilaxia. Tal postura previne também a arrogância, ao evidenciar as limitações ainda existentes. Neste sentido, a autolocalização na escala evolutiva das consciências já demonstra o quão distantes ainda estamos da condição ótima para esta etapa evolutiva: ainda há muito que caminhar – apesar de em algumas situações julgarmos já estar no ápice.

Autodesperticidade. Vale destacar o quanto a autodisponibilidade e autodeterminação vêm sendo trafores essenciais na sustentação da postura de semperaprendente: o estabelecimento da meta pessoal de alcançar a condição da desperticidade – desassediado permanente total – ainda nesta existência vem sendo o estímulo para a autossuperação contínua. Atuar na condição de desperto, mesmo ainda não o sendo, gera neossinapses e holopensene promotores da aceleração da evolução pessoal.

Questionamentos. No encaminhamento das exposições trazidas, cabe ao leitor interessado na autopesquisa aprofundar nas autorreflexões: você tem clareza dos erros e acertos cometidos ontem? E no mês passado? E no último ano? E na última década? Quais deles você vem repetindo costumeiramente? Mais os acertos ou mais os erros? De modo consciente ou inconsciente? Por qual razão?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repercussão. A partir deste estudo, observamos que, da mesma forma que nossos acertos geram repercussões positivas para outras consciências, melhorando nossa ficha evolutiva pessoal, nossos erros, incluindo omissões deficitárias e aqueles ainda ignorados, também afetam outras consciências, causando, muitas vezes, prejuízos evolutivos aos envolvidos.

Retratação. Neste sentido, vale registrar aqui o pedido de retratação e perdão, especialmente às consciências que sofreram alguma consequência em função das minhas imaturidades – passadas, atuais e futuras – de modo a ampliarmos a intercompreensão de que isso ainda faz parte do nosso processo evolutivo, sem querer isentar-me de tais responsabilidades, mas já acenando para a busca da recomposição e libertação grupocármicas.

Leveza. O reconhecimento de nossos acertos por parte dos passageiros evolutivos nos auxilia na consolidação da autoconfiança, mas não dá para ficar apenas desejando aplausos e enaltação, o que pode acabar por inflar o ego. Não é desvalorizar o reconhecimento e os elogios, valorizando apenas as críticas, mas saber que nesses experimentos há acertos e erros – e lidar com tranquilidade e leveza com tal realidade.

Continuidade. Este é um estudo contínuo, considerando que os acertos e erros, em especial os autoenganos, prosseguem. Há ainda fissuras pessoais não identificadas. A atuação contínua em grupo transparente e aberto às trocas e *feedbacks* acelera a história pessoal e grupal.

Gratidão. Registro aqui minha gratidão profunda aos amigos evolutivos que têm me acompanhado nesta jornada de reciclagens contínuas, em especial à minha duplista pela convivência e parceria incondicionais, e minha mãe pelo exemplarismo didático. Cada um ao seu modo vem contribuindo para que eu possa me qualificar e buscar também oferecer minhas melhores contribuições possíveis nas inter-relações grupais.

Semperaprendente. Reitero ao leitor a sugestão de aproveitar as oportunidades de assunção do autoepicentrismo, especialmente no voluntariado, para vivenciar a experiência desse laboratório com leveza e condição de semperaprendente necessárias aos autoenfrentamentos advindos das crises evolutivas frente aos acertos e erros vindouros.

REFERÊNCIAS

1. **Bergonzini**, Everaldo; *A Errologia do Líder*; 2017 (1h29m20s); disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vqv9bKNorhI>; acesso em: 06.12.20; 8h20.
2. **Facury**, Marco A. R.; *Autovivenciograma na Imersão do Laboratório Serenarium: Reflexões Interassistenciais*; Artigo; Revista Conscienciologia Aplicada; Revista; Bianuário; N. 10; 7 citações; 4 enus.; 1 ref.; Editora ARACÊ; Domingos Martins, ES; 2014; páginas 36 a 42.
3. **Facury**, Marco A. R.; *Empreendedorismo Conscienical: o Desenvolvimento do Epicentrismo da Conscin Cognopolita*; Artigo; I Congresso Internacional de Empreendedorismo Evolutivo e III Jornada de Administração Conscienciológica; Manaus, AM; 11-13.11.11; *Journal of Conscientiology – Supplement*; vol. 15; n. 54-s; *International Academy of Consciousness (IAC)*; Estremoz, Portugal, 2011.
4. **Hunter**, James C.; *Como se Tornar um Líder Servidor (The World's Most Powerful Leadership Principle)*; int. James C. Hunter; revisor Sérgio Bellinello Soares; revisoras Sonia Peçanha; & Tereza da Rocha; trad. A.B. Pinheiro de Lemos; 144 p.; 9 caps.; 6 enus.; 2 questionários; 4 apênds.; 21 x 14 cm; br.; 3ª Ed.; 1ª imp.; Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2006.
5. **Kellerman**, Barbara; *O Fim da Liderança (The End of Leadership)*; int. Barbara Kellerman; revisoras Edna Cavalcanti; & Roberta Borges; trad. Vicky Block; 232 p.; 3 partes; 8 caps.; 4 enus.; 294 notas; alf.; 23 x 16 cm; br.; 1ª Ed.; 1ª imp.; Elsevier; Rio de Janeiro, RJ; 2012.
6. **Nascimento**, Alessandra; *Binômio Autoimperdoador-Heteroperdoador*; verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; verbete N. 5.036, apresentado no *Tertularium / CEAEC*, Foz do Iguaçu, PR; 18.11.19; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete>>; acesso em: 05.12.20; 8h40.
7. **Prata**, Mônica; & **Facury**, Marco Antônio; *O Posicionamento Assistencial na Atuação em Grupo*; Artigo; I Jornada de Intrafisiologia; Foz do Iguaçu, PR; 15-18.06.06; Revista Conscienciologia Aplicada; Revista; Bianuário; N. 6; 4 citações; 7 enus.; 9 refs.; Editora ARACÊ; Venda Nova do Imigrante, ES; Junho, 2006; página 83.
8. **Vieira**, Waldo; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 blog; 21 E-mails; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 websites; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; página 79.
9. **Idem**; *Conscin Large*; verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; 23.178 p.; Vol. 9; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; páginas 6.886 a 6.889.

